

O corpo como lugar teológico: a significação mística da corporeidade segundo Michel de Certeau em diálogo com a visão geschiniana do corpo enquanto caminho de Deus

Clarissa França Dias *

Resumo

O artigo intenciona, de maneira abreviada, apresentar a perspectiva do jesuíta francês Michel de Certeau, especificamente em sua obra *A Fábula Mística*, a respeito do significado místico conferido ao nível corpóreo pela tradição cristã no contexto da cultura ocidental. Pretende, ainda, correlacionar essa visão à do teólogo belga Adolphe Gesché, que defende o valor e o lugar da corporeidade como centrais para a revelação cristã de Deus e do ser humano. Tal autor, já falecido, foi um dos organizadores da obra *O corpo, caminho de Deus*, produto de reflexões dos "Colóquios Gesché", que servirá de base para o desenvolvimento da presente pesquisa. A hipótese que se lança por intermédio do paralelo estabelecido é a de que a instância "mística" do corpo expressa o desejo de habitação por uma alteridade/Alteridade que perdura e escapa e que, portanto, faz-se o lugar de uma busca e de um encontro, engendrando novas percepções acerca das relações do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o Outro, tornando-se, assim, caminho da humanidade até Deus e de Deus até a humanidade.

Palavras-chave: Michel de Certeau. Adolphe Gesché. Corpo. Teologia. Antropologia.

* Graduada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em 2014. Pós-graduada em Psicologia Transpessoal pelo Instituto Renascer da Consciência (IRC) em parceria com a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISA-BH), em 2017. Atualmente, mestranda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

Abstract

The article intends, in an abbreviated way, to present the perspective of the french jesuit Michel de Certeau, specifically in his work *The Mystic Fable*, regarding the mystical meaning conferred at the corporeal level by the christian tradition in the context of western culture. It is also intended to correlate this view with those from the belgian theologian Adolphe Gesché, who defends the value and place of corporeality as central to the christian revelation of God and human beings. This author, already deceased, was one of the organizers of the work *The body, God's way*, a product of reflections from the "Gesché Colloquia", which will serve as a basis for the development of this research. The hypothesis that is launched through the established parallel is that the "mystical" instance of the body expresses the desire for habitation for an alterity/Alterity that endures and escapes and that, therefore, becomes the place of a search and an encounter, engendering new perceptions about the human being's relations with himself, with the other and with the Other, thus becoming the path of humanity to God and from God to humanity.

Keywords: Michel de Certeau. Adolphe Gesché. Body. Theology. Anthropology.

Introdução

Michel de Certeau foi um jesuíta francês, nascido em 1925, na cidade de Chambéry, que se dedicou aos estudos da teologia, da história, da filosofia, da psicanálise, das ciências sociais, da linguística, dentre outros saberes. Ele faleceu em 1986, na cidade de Paris, por conta de um câncer no pâncreas. Sua contribuição contempla as pesquisas no campo da experiência mística e das transformações da mística como ciência no pensamento ocidental, do medievo à contemporaneidade. Em meio a essas reflexões, o intelectual erudito aborda a questão dos sentidos atribuídos ao corpo na tradição cristã, na qual emerge uma reflexão antropológica que leva o autor a levantar a hipótese do corpo "como instância "mística", isto é, enunciador, por suas manifestações, do anseio por ser habitado por um outro/Outro" (DE MORI; BUARQUE, 2015, p. 1538).

A relevância do tema do corpo se dá pela observância de uma ainda atual distorção a respeito do valor da corporeidade e, por conseguinte, da sexualidade para a fé cristã. A herança grego/helenística de influências dicotômicas a respeito da natureza humana ressalta o caráter pejorativo do corpo/matéria, como objeto de atraso para a salvação humana,

comprometendo, portanto, o sentido essencial de uma antropologia bíblica, em que "pela afirmação da encarnação de Cristo, o corpo se torna lugar para falar de Deus e para falar do ser humano" (VIEIRA, 2016, p. 54).

Na verdade, mesmo que um cristianismo histórico seja veículo de desconfiança em face da corporeidade, o fato é que o Evangelho cristão se inaugura com uma proclamação central que causa surpresa: *A Palavra se fez carne*. Essa tradição religiosa é no sentido próprio uma tradição relacionada com a carne, que não só evoca positivamente o corpo, mas também faz dele o lugar próprio da revelação e do encontro de Deus em favor do homem (GESCHÉ, 2009, p. 7-8).

O teólogo e sacerdote Adolphe Gesché, nascido (1928) e falecido (2003) na Bélgica, professor emérito de teologia fundamental da Universidade Católica de Lovaina, contesta essa reputação de propagar uma suspeição do corpo, da carne e da sexualidade ao apresentar o cristianismo como uma incontestável religião de encarnação. Por meio de uma abordagem transdisciplinar, assim como a de Michel de Certeau, Gesché promove "uma autêntica invenção cristã do corpo como lugar maior da revelação de Deus e da revelação do homem, uma invenção que por sua vez deve ser inventada, inventariada, desdobrada em seu poder revelador e libertador" (GESCHÉ, 2009, p. 8).

Para discorrer sobre tal assunto, portanto, dividimos o artigo em três partes. Na primeira parte, apresenta-se a visão certeauliana sobre o sentido místico do corpo no cristianismo, religião marcada pela evidência de um corpo perdido, o corpo de Jesus Cristo. A segunda parte se deterá na perspectiva geschiniana do corpo como o lugar de encontro do homem com Deus, suscitador de novos significados para o diálogo sobre Deus e sobre o homem. Por fim, a terceira parte objetiva a possível correlação entre a visão dos dois autores escolhidos para se pensar uma espiritualidade mística cristã que assume a corporeidade humana como principal lugar teológico e região de encontro transformador com o outro/Outro.

1. A abordagem certeauliana da significação mística da corporeidade na fé cristã

Diante de uma aproximação ao tema da mística, é importante resgatar algumas considerações do filósofo Henrique C. de Lima Vaz, assumindo as três perspectivas por ele propostas: a da mística como constitutiva da religião, enquanto elemento religioso; a da mística como constitutiva da vida, enquanto processo ou modo vital, pelo qual a meta é a experiência da conexão com Deus; e a da mística como a tentativa de expressar uma consciência direta da presença de Deus, por meio de

linguagens e ditos que ora priorizam o aspecto da presença divina (caso dos místicos catafáticos), ora priorizam o aspecto da ausência divina (caso dos místicos apofáticos).

Tendo em vista esse panorama, é importante assumir uma investigação multidisciplinar para a compreensão do aspecto totalizante da experiência mística, que integra as várias dimensões constitutivas do ser humano, suscitando, por sua originalidade, uma revisão mais adequada da concepção antropológica para lidar com esses fenômenos singulares. Segundo Vaz,

a imensa cadeia de testemunhos que corre ao longo das mais variadas tradições religiosas não deixa dúvidas quanto à realidade e à autenticidade dessa experiência, que se impõe, por isso mesmo, como um **dado antropológico fundamental**, tendo resistido vitoriosamente a todas as tentativas de reducionismo, sobretudo psicologista e oferecendo, por outro lado, campo à conhecida interpretação do fato místico que H. Bergson propõe na sua teoria das duas fontes da moral e da religião. (VAZ, 2000, p. 16, **negrito nosso**).

Nesse sentido, o ponto de partida desses estudos deve ser o testemunho experiencial daqueles que serão denominados "místicos" ou "teóricos da mística", para que se possa interpretar devidamente o fenômeno, conceituado, em um primeiro momento, como "a experiência que tem lugar no terreno desse encontro com o Outro absoluto, cujo perfil misterioso desenha-se nas situações-limite da existência, e diante do qual acontece a experiência do Sagrado" (VAZ, 2000, p. 15). Vaz completa sua definição de mística, retomando a perspectiva de J. Maritain, segundo a qual tal experiência do Absoluto passa pela evocação de uma união caracterizada pela participação e pelo deleite, em que o sujeito tem o seu conhecimento e o seu desejo transformado, bem como sua completa existência.

Michel de Certeau, por sua vez, adiciona a essa compreensão da realidade da mística seu aspecto corpóreo, como o contraponto da vivência subjetiva, em que ambas as dimensões formarão o conjunto a ser traspasado, em todos os níveis, pela presença de um Outro. Assim, para o autor, a mística é percebida "como uma concomitante experiência de esvaziamento e transpasse de si por uma alteridade/Alteridade, mediada pela corporeidade" (DE MORI; BUARQUE, 2016, p. 1555).

Tendo em vista o lugar crucial do corpo, Certeau analisa três principais sentidos atribuídos a ele, a saber: o corpo como "ficção", que favorece as práticas sociais; o corpo como "autoridade", fomentadora de adesões, conflitos e transformações; e o corpo como instância "mística", que exterioriza o desejo de habitação por uma Alteridade. Os dois primeiros significados são compartilhados pela compreensão moderna e pelo

cristianismo. Já o terceiro aspecto, de um corpo místico, será apropriado pela concepção cristã, apesar deste não se reduzir ao âmbito institucional.

Também postula-se que, segundo De Certeau, o corpo possa ser dotado de uma singular configuração epistêmico-existencial, ao manifestar-se como uma enunciação, em linguagem semiótico-simbólica, do desejo do sujeito pela relação com um outro/Outro, com quem venha a unir-se – trata-se, neste caso, de um corpo “místico” (DE CERTEAU, 1994, p. 297). De acordo com De Certeau, é justamente a ressonância dessa voz das alteridades/da Alteridade que permite ao corpo ser “informado” (receber a forma), antes mesmo que a inteligência possa conhecê-lo ou figurá-lo (DE CERTEAU, 1982a, p. 408) (DE MORI; BUARQUE, 2016, p. 1542).

Ao contrário do que se possa interpretar, portanto, o corpo cristão não se fundamenta na ideia de relação com o mal e com a tentação, mas no domínio em que o ser humano se depara com a dimensão de sua incompletude diante das suas relações distintas. Nesse âmbito, ressaltam-se os aspectos da presença e da ausência de um outro/Outro que não se pode possuir e apreender totalmente. A vivência do Absoluto, trazida pelas reflexões de Vaz, se dará, portanto, na perda de um corpo que, na tradição cristã, é o corpo de Jesus, representado, ainda, pela perda do corpo de Israel. Porém, na falta deste corpo do Nazareno são concebidos o corpo das Escrituras, o corpo da Igreja e o “corpo místico”, que

(...) recor-tado pela doutrina chama imediatamente a atenção sobre a busca da qual ele é o objetivo: a procura de um corpo. Ele designa o objetivo de uma marcha que vai, como toda peregrinação, para um local marcado por uma desaparecimento. Há discurso (um Logos, uma teologia etc.), mas falta-lhe um corpo - social e/ou individual. Que se trate de reformar uma Igreja, de fundar uma comunidade, de edificar uma “vida” (espiritual) ou de (se) preparar um “corpo glorio-so”, a produção de um corpo exerce um papel essencial na mística. O que se formula como rejeição do “corpo” ou do “mundo”, luta ascética, ruptura profética, não é senão a elucidação necessária e preliminar de um estado de fato a partir do qual começa a tarefa de oferecer um corpo ao espírito, de “encarnar” o discurso e de dar lugar a uma verdade. Contrariamente às aparências, a falta se situa não do lado do que faz ruptura (o texto), mas do lado do que “se faz carne” (o corpo). *Hoc est corpus meum*, “Isto é o meu corpo”: esse logos central lembra um desaparecido e chama uma efetividade. Os que levam a sério esse discurso são os que experimentam a dor de uma ausência de corpo. O “nascimento” que eles todos esperam, de uma maneira ou de outra, deve inventar para o verbo um corpo de amor (CERTEAU, 2015, p. 120).

Vê-se, dessa forma, que a visão certeuliana da corporeidade se torna demasiadamente ampla e profunda em estruturas cada vez mais complexas de saberes, não sendo possível a presente pesquisa abarcar todo o conjunto

de sua abordagem sobre o tema. No entanto, de acordo com De Mori e Buarque (2016), o pensamento do jesuíta francês transmite uma esperança em "pensar uma corporeidade que (...) possa ser ressignificada no âmbito de relações mais sensíveis e compartilhadas por aqueles que reconheçam em si um desejo fundante pelo encontro com o outro" (DE MORI; BUARQUE, 2016, p. 1542).

2. A visão geschiniana do corpo como caminho de Deus

Adolphe Gesché trabalha com o conceito de "invenção cristã do corpo" para fomentar uma discussão antropológica e teológica em que a corporeidade assume lugar primordial para se pensar o ser humano e Deus, bem como a relação entre os mesmos. O fato central para essa "criação" é o corpo humano de Jesus de Nazaré (*A Palavra se fez carne*, Jo, 1-14) que se faz mediador da revelação salvífica para os seres humanos ao apresentar o nome de Deus à humanidade e desvelar ao homem a sua própria vocação.

A cruz sobre a qual é elevado o corpo de Cristo é a verdadeira escada de Jacó pela qual sobem e descem os anjos que unem o céu com a terra. Essa cruz é também a nova sarça ardente na qual Deus revela seu nome, um nome que significa libertação e salvação. É um corpo humano que é aqui o lugar da suprema revelação; corpo entregue por nós; corpo que se rebaixa para lavar nossos pés, corpo humilhado e aviltado, corpo da dor até a angústia e inquietação diante de Deus; corpo em que o lado traspassado pela lança torna-se fonte de renascimento; corpo embalsamado para a sepultura; corpo desaparecido; corpo ressuscitado que nos antecede diante de seu Pai e de nosso Pai. Existe aí uma autêntica invenção cristã do corpo como lugar maior da revelação de Deus e da revelação do homem, uma invenção que por sua vez deve ser inventada, inventariada, desdobrada em seu poder revelador e libertador (GESCHÉ, 2009, p. 8).

Apesar de o cristianismo se caracterizar como uma religião de encarnação, como já visto antes, e de a corporeidade possuir enorme importância nas Escrituras e no pensamento atual (como no âmbito fenomenológico), o corpo foi esquecido no caminho de acesso a Deus, tendo em vista um enfoque no desenvolvimento racional, intelectual, conceitual e subjetivo das provas da existência de Deus e do acesso ao divino, em detrimento de uma experiência concreta. Gesché, porém, interroga: "Como chegar a Deus pelo corpo?; O corpo não seria um lugar de visita de Deus e, principalmente, o lugar em que pudéssemos fazer vibrar em nós o encontro com Deus?" (GESCHÉ, 2009, p. 9).

O corpo é o lugar da revelação plena e visível de Deus, que se quis revelar em Cristo. É onde o ser humano pode olhar Deus. No entanto

e não oposto, mas maravilhosamente somado a isto, ao encontrar Cristo em um corpo humano, enxergar a si mesmo, ser humano como foi originalmente desejado, em Deus. Corpo é interseção entre Deus e o ser humano, lugar de profundo mistério e de grandes possibilidades. O corpo apresenta-se como uma interface de redescoberta do ser humano, em sua relação consigo mesmo, e em todas as relações que experimenta. Não é pelo corpo a experiência de viver? Lugar onde Deus encontra o homem, mas também o lugar onde o homem encontra Deus. Não em uma relação fechada em si mesmo, mas aberta ao outro. Lugar de aproximação e redescoberta do outro (VIEIRA, 2016, p. 57).

O autor belga afirma, nesse sentido, uma relação unicista entre as dimensões espiritual e corpórea do ser humano, resgatando a antropologia cristã, em suas raízes, defendendo, ainda, que todo pensamento antagonista revela-se não cristão e não humano, pois o ser humano só o é no corpo e a sua espiritualidade está integrada neste processo. A presença divina em nós não subtrai o humano, em sua dimensão corporal, pelo contrário, abre caminhos para a construção de sentidos de vida mais profundos por meio das vivências do encontro.

A teologia pode nos ensinar sobre nós, cristãos, a partir do corpo. Movimento que Gesché nomeia como "corpo para pensar o cristianismo". E a partir do corpo, pode dialogar com a sociedade, diante do homem que pergunta sobre seu corpo os sentidos de humanidade, "cristianismo para pensar o corpo". Movimento em dois percursos centrífugos a partir do corpo e da teologia, que é onde o corpo obtém sua significação. Pois a intenção maior de Gesché, é pensar a corporeidade e o ser humano, a partir do seu lugar maior de sentido, Deus (VIEIRA, 2016, p. 78).

Por meio desses movimentos ("corpo para pensar o cristianismo" e "cristianismo para pensar o corpo"), a teologia cumpre sua função no esclarecimento da fé cristã aos crentes, mas também se abre ao diálogo multidisciplinar, expondo que o cristianismo tem lugar de fala no âmbito dos discursos humanos do terceiro milênio para dizer sobre o ser humano e o valor de sua corporeidade. Dentro da perspectiva apresentada brevemente, enfim, Gesché propõe uma renovação epistemológica de uma antropologia teológica.

O corpo, tomado por Cristo é lugar onde Deus encontra o ser humano, e faz nele morada. Ao mesmo tempo, lugar onde o ser humano encontra Deus, e por isso, encontra a si mesmo, e os outros. O fator determinante, teológico e antropológico é o corpo (e não a alma como queriam os antigos). Esta é a verdadeira restauração do corpo que a sociedade contemporânea aguarda. O corpo sendo engrandecido, mas em seu devido lugar, como caminho à plena humanização e realização (VIEIRA, 2016, p. 79).

3. O corpo como lugar teológico: a instância mística do encontro com o outro/Outro

Diante do exposto nos itens anteriores, nota-se que, tanto para a aproximação ao tema da mística como para a aproximação ao tema da corporeidade humana em seus diversos aspectos, é indispensável uma abordagem multidisciplinar para rever as concepções teológicas e antropológicas do ser humano contemporâneo, que reclamam discursos mais totalizantes para a compreensão de si mesmo, do outro, de Deus e da vida. A dimensão corpórea, que há tanto tempo foi relegada, assume hoje, então, um lugar teológico primordial.

(...) dizer que o sujeito humano é corpo (corpo significativo ou corpo falante) equivale a dizer que ele só é o que é em sua mais alta espiritualidade, quando habitado por um corpo triplo - corpo cósmico de natureza, corpo histórico de tradição e corpo social de cultura -, corpo triplo que se articula nele de maneira também tão singular e original como é original e singular a história de todo "desejo". Também aqui, a "interioridade" não se conquista contra a "exterioridade": ambas caminham juntas (GESCHÉ, 2009, p. 125).

Pela abordagem cereteuliana, o corpo será o lugar teológico para se pensar a experiência mística de traspasse por uma alteridade/Alteridade, marcado pelo aspecto de uma ausência de um outro/Outro que sempre escapa (busca por um corpo). Pela visão geschiana, o corpo será o lugar teológico para se pensar Deus e o homem, marcado pelo aspecto de uma presença anunciada pela encarnação do Verbo. Ao se estabelecer um paralelo entre as duas perspectivas, observa-se a dinâmica de ausência e presença de uma alteridade/Alteridade que opera com vistas à busca, ao encontro, ao reviver de uma comunhão pela criatura consternada que não tem vida em si mesma e que depende do outro/Outro, de maneira existencial e perene.

Atesta-se, em vista disso, a hipótese do corpo ser a instância "mística" que expressa o desejo de habitação por uma alteridade/Alteridade que perdura e escapa e que, portanto, faz-se o lugar de uma busca e de um encontro, engendrando novas percepções acerca das relações do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o Outro, tornando-se, assim, caminho da humanidade até Deus e de Deus até a humanidade.

Finalmente, a fé cristã só pode se sustentar mantendo a dimensão corpórea em suas reflexões e vivências e o cristão será, portanto, aquele que aprende a dar consentimento à corporeidade dessa fé. O que se diz é que é no mais corpóreo que o espiritual é chamado a acontecer e que o lugar cristão do teológico é o "antropológico". É no mais corriqueiro empirismo e opacidade de um corpo, de uma tradição, de uma história, que se realiza a fé naquilo que ela possui de mais "verdadeiro". Em suma e

verdadeiramente, o corpo é "caminho de Deus" nos dois sentidos da expressão (GESCHÉ, 2009, p.128).

Considerações finais

O interesse desse artigo é mostrar, resumidamente, o pensamento do jesuíta francês Michel de Certeau acerca da significação mística do aspecto corpóreo na fé cristã em diálogo com a ótica de Adolphe Gesché sobre a invenção cristã do corpo, que coloca a dimensão corpórea como o verdadeiro lugar teológico de reflexão sobre Deus e sobre o ser humano. O objetivo desse paralelo aponta para a mediação da corporeidade na experiência mística de um encontro com uma alteridade/Alteridade.

Essa visão é um reforço indispensável para impedir a proliferação tentadora de um pensamento gnóstico, dualista e cartesiano que reivindica uma imaginária ligação direta com o Absoluto (uma espécie de contato iluminístico com Deus, com Jesus Cristo ou com o Espírito Santo), tornando o corpo um aspecto dispensável ou inconveniente.

Assumir um novo paradigma teológico e antropológico, aberto ao diálogo com o mundo contemporâneo, para os crentes do terceiro milênio, é, dessa forma, assumir o corpo como o lugar que expressa o desejo de um encontro que transforma radicalmente a experiência do vivente em todas as dimensões do seu ser e das suas relações. Pelos aspectos de ausência e presença contínuos da experiência mística, têm-se a manutenção da busca pelo Sagrado, que revela incessante "sede" de Deus, este que deve ser o início, o meio e o fim de toda e qualquer experiência humana consciente e sensível.

Referências

CERTEAU, M. *A fábula mística*. Séculos XVI e XVII. Volume I. Rio de Janeiro: GEN e Forense Universitária, 2015.

_____. *A fábula mística*. Séculos XVI e XVII. Volume II. Rio de Janeiro: GEN e Forense Universitária, 2015.

_____. *Le lieu de l'autre*. Histoire religieuse et mystique. Paris: Gallimard, Seuil, 2005.

DE MORI, Geraldo; BUARQUE, Virgínia. "Corpos ditos pelo outro: uma leitura de Michel de Certeau". In: Horizonte. Puc Minas, Belo Horizonte, v. 14, n. 44, p. 1538-1564, out./dez. 2016 - ISSN 2175-5841.

DIAS, Clarissa França. "Diálogo entre a Antropologia Cristã e a Antropologia Psicológica Uslariana na conceptualização da relação unicista entre o corpo

e a alma humanas no contexto do pensamento ocidental". In: Pensar - Revista Eletrônica da FAJE, v. 10, n. 2 (2019): 147-157.

GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. *O corpo, caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Experiência mística e filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000.

VIEIRA, Jonathan Bahia; Pádua, Lúcia Pedrosa de (Orientadora). "Corporeidade em Alfonso Garcia Rubio e Adolphe Gesché". Rio de Janeiro, 2016, 175p. Dissertação de mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.